

# Agnes Heller: cotidiano e individualidade – uma experiência em sala de aula\*

Agnes Heller: daily life and individuality - an experience in the classroom

RENATO TADEU VERONEZE\*\*



**RESUMO** – O objetivo central deste artigo é refletir sobre a contribuição do pensamento de Agnes Heller, compreendido entre os anos de 1956 a 1978, no âmbito da formação e da práxis profissional do/a assistente social. Através de experiências empíricas no universo da sala de aula, buscamos construir um referencial didático/pedagógico para a tomada de consciência ética e política dos discentes, alunos e alunas em Serviço Social.

**Palavras-chave** – Formação profissional. Indivíduo social. Ontologia social.

**ABSTRACT** – The main objective of this paper is to discuss the contribution of thought of Agnes Heller, between the years 1956-1978, under the training and practice of professional / social worker. Through empirical experiences in the world of the classroom, we seek to construct a referential didactic / pedagogical awareness for the ethics and politics of students, male and female students in Social Work.

**Keywords** – Vocational training. Social individual. Social ontology.

---

---

\* Este artigo é resultante de nossa dissertação de mestrado em Serviço Social pela PUC-SP, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lúcia Martinelli, que tem como título *Agnes Heller, indivíduo e ontologia social: fundamentos para a consciência ética e política do ser social*. São Paulo: PUC-SP, 2013.

\*\* Assistente Social. Mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Docente no Centro Universitário da Fundação Educacional Guaxupé (UNIFEG), no curso de Serviço Social. Guaxupé/MG – Brasil. E-mail: [renato.veroneze@bol.com.br](mailto:renato.veroneze@bol.com.br). Submetido em: junho/2013. Aprovado em: junho/2013.

A utilização do pensamento de Agnes Heller no Serviço Social brasileiro remonta aos idos de 1980/1990 e teve como premissa a inserção do referencial teórico-metodológico de matriz marxista no âmbito da formação e da atuação profissional do/a assistente social.

Deste modo, a formação ético-político-profissional deixou de ser referendada pela matriz teórica conservadora, para assumir uma proposta histórico-crítica, propositiva e revolucionária, incorporando, sobretudo, na aurora da década de 1990, a *ontologia do ser social* ao seu referencial teórico-metodológico, técnico-operativo e ético-político, No sentido de romper definitivamente com os valores tradicionais conservadores e das contradições internas à profissão, buscando uma nova visão de mundo e de humano.

Esta reviravolta no modo de pensar, fazer e agir da profissão fez com que os/as assistentes sociais passassem a enxergar a vida social em suas contradições, ou seja, inscrita no campo das desigualdades sociais, causadas principalmente pelas grandes transformações do mundo contemporâneo, da consolidação e do avanço da sociedade regida pelo capital, do modo de produção capitalista e da luta de classes.

Subsidiado pelas categorias ontológicas do ser social da teoria social de Marx, os novos parâmetros para a formação e atuação profissional do/a assistente social foram pautados em valores universais de liberdade, democracia, respeito aos direitos humanos, de justiça e equidade social, na luta contra qualquer forma de arbítrio, preconceito e discriminação, enfim, valores que espelham os princípios emancipadores segundo Marx.

Estes princípios, construídos histórica e socialmente no âmbito da profissão, foram inscritos no Código de Ética Profissional de 1993 e se consolidaram como proposta ético-política na luta por uma nova sociabilidade e na defesa intransigente dos direitos humanos e sociais e da classe trabalhadora. O novo Código de Ética não somente estabelecia normas e regras para a conduta profissional, mas também trazia em si, princípios norteadores para a práxis profissional, tendo na liberdade o valor ético-político central.

Estes novos pressupostos possibilitaram enxergar homens e mulheres, enquanto sujeitos<sup>1</sup> sociais que, diariamente, são violentados pelo processo de industrialização, pela vida mercantilizada, pela mecanização e globalização das relações sociais, pela competitividade e imediatividade da vida social e pelo consumismo e individualismo exacerbados, sendo cada vez mais transformados em *coisa* (coisificados) e/ou em *mercadoria* (reificados).

Nesse processo, as relações sociais acabam por serem produzidas e reproduzidas de formas alienadas, alienantes e de exploração, geradas substancialmente pela lei do “mais forte”, do “mais rápido”, do “descartável”. Essa violência e/ou autoviolência na vida social contribui para gerar uma autoflagelação paranoica que, em outras palavras, impulsiona homens e mulheres a serem vítimas de si mesmos.

Portanto, ao buscar uma contribuição para o entendimento das contradições da vida social, dos sujeitos sociais e para a reflexão dos referenciais teórico-metodológicos que alimentam a formação e a práxis social e profissional do/a assistente social, propomos algumas reflexões sobre a ontologia do ser social, pautada na perspectiva marxista de Agnes Heller, tendo como base nossas experiências enquanto docente do curso de Serviço Social.

### **Para uma práxis profissional**

As discussões no âmbito do Serviço Social brasileiro nos anos de 1980 e 1990 apontavam para a necessidade de construir um projeto de formação e atuação profissional que desce conta das transformações da vida cotidiana nos últimos tempos. A densidade provocada pelas contradições da lógica capitalista e as mudanças sociopolíticas da sociedade brasileira naquele período, fomentavam a

constituição de novas propostas profissionais aos novos desafios e que vislumbrassem alternativas éticas e políticas fundamentadas no protagonismo dos sujeitos sociais (IAMAMOTO, 2005).

Naquele período, as condições sócio-históricas da sociedade brasileira contribuíam satisfatoriamente para a construção dos pilares para uma formação e atuação profissional do Serviço Social – teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa – com base na teoria social de Marx.

Histórica e coletivamente, estes pilares consolidaram para apreensão crítica do processo histórico e os processos sociais contemporâneos, percebendo as particularidades e singularidades da constituição e desenvolvimento do capitalismo e do Serviço Social no Brasil, em sua totalidade, bem como do significado social da profissão pautada em ações que atendessem à realidade social contemporânea e que buscassem cumprir com as competências e atribuições profissionais estabelecidas na lei que regulamenta a profissão de forma crítica e propositiva (CRESS/SP, 2008).

Porém, a consolidação da barbárie exposta pela lógica capitalista e neoliberal, a precarização das relações de trabalho e do ensino no país, a mercantilização da vida social e, principalmente, da educação, minimizaram as possibilidades de ações éticas e políticas conscientes, proporcionando a vivência da ética maquiavélica, onde “os fins justificam os meios”.

Em 2008, ao assumir a cadeira da disciplina de Ética Profissional do curso de Serviço Social do Centro Universitário da Fundação Educacional Guaxupé – UNIFEG, Guaxupé/MG –, observamos que os/as alunos/as vinham para a sala de aula sem nenhum propósito ético-político, sendo a principal motivação para cursarem o Serviço Social os sentimentos expressos pela “boa vontade” e pela “ajudar ao próximo”, pensamento característico de uma formação moral/religiosa ou ético/religiosa.

Também observamos, nos vários cursos de formação/capacitação ministrados entre 2008 a 2011, que o discurso que imperava entre os/as profissionais era que “na prática a teoria é outra”, afirmando a dicotomia entre teoria e prática.

Conjugado a estas características, encontramos também um nível de apatia e conformismo com a realidade apresentada, em que os princípios e significados éticos e políticos eram totalmente estranhos.

Tornava-se necessário criar uma forma didático-pedagógica para o despertar da consciência ética e política em conformidade ao Projeto Ético-Político Profissional do Serviço Social. Desse modo, buscamos nos referenciais teóricos marxistas uma metodologia que pudesse reverter este quadro e despertar os sujeitos sociais em formação para uma outra realidade.

Por conseguinte, ao trabalhar com os/as alunos/as aspectos da vida cotidiana, referendados pela teoria marxista e, em específico, com a teoria desenvolvida por Agnes Heller, constatamos empiricamente, ao longo de quatro anos de experiência na docência do Ensino Superior, que o referencial teórico helleriano contribuía satisfatoriamente para uma *filosofia da práxis social*.

Ao nos apropriarmos desse referencial teórico-metodológico-conceitual, em sua totalidade, percebemos que, muito mais que trazer elementos para a análise interventiva na e para a vida cotidiana dos sujeitos sociais, oferecia elementos propositivos para uma práxis profissional e social consciente de seus propósitos.

O referencial helleriano propiciava estímulos reflexivos para uma mudança de postura, não só para o exercício profissional, mas, sobretudo, para uma vida social crítica e revolucionária, ou seja, contribuía *em-si* para uma consciência ética e política do ser social, portanto, para uma *práxis social revolucionária* e para a formação dos sujeitos sociais revolucionários individuais e coletivos.

Ao destacar os pressupostos filosóficos hellerianos<sup>2</sup> (historicidade, cotidianidade, imediaticidade, genericidade, papéis sociais, axiologia, comportamento ético/moral, ultragenericidade, juízos provisórios, objetividade e subjetividade, individualidade, particularidade, enfim, os fundamentos ontológicos do ser social – categoria de análise do pensamento helleriano), através de exemplos cotidianos, filmes e vídeos temáticos, músicas, poemas, textos de apoio, dentre outros instrumentais didático-pedagógicos,

percebemos que estas categorias eram paulatina e continuamente absorvidas pelos/as discentes e/ou cursistas.

O trabalho pedagógico consistia em levar os/as discentes e/ou cursistas a refletir e a buscar mediações duradouras *em-si* e *para-si*, concomitante e simultaneamente à vida social e consigo mesmo, numa interpenetração transformadora e dialética do cotidiano, operando na mão dupla: teórico-práxis e práxis-teórica.

Pensar o cotidiano num universo tão contraditório constitui um campo infindável e encantador a ser desvelado. Por conseguinte, por que não extrair do próprio cotidiano vivido os elementos para a construção de um arcabouço teórico-conceitual-filosófico, fundamentado numa determinada proposta ética e política? Não foi por mero acaso que Heller empreendeu esse desbravamento.

Segundo Heller (1977, p. 7), o *cotidiano* é o “mundo da vida” que se produz e se reproduz dialeticamente, num eterno movimento: “[...] é o mundo das objetivações”. O conceito de cotidiano está relacionado àquilo que é vivido e à vida social dos indivíduos sociais. Um e outro se relacionam entre si. O cotidiano (ou a cotidianidade) se distingue da rotina da vida exposta no dia a dia. A rotina do dia a dia se constitui, segundo Heller (2004) como o/s ato/s que repetimos mimeticamente sem nos darmos conta do seu significado e de sua importância.

O cotidiano é a vida em sua justaposição, numa “sucessão *aparentemente* caótica” dos fatos, acontecimentos, objetos, substâncias, fenômenos, implementos, relações sociais, história e assim por diante. A *vida cotidiana* aparece como a “base de todas as reações espontâneas dos homens ao seu ambiente social, na qual, frequentemente parece atuar de forma caótica” (LUKÁCS apud HELLER, 1977, p. 12).

A existência humana implica necessariamente a existência da vida cotidiana. Não há como desassociar existência e cotidianidade, assim como não há como viver totalmente imerso/a na não cotidianidade (estado de suspensão da cotidianidade).

É na cotidianidade que homens e mulheres exteriorizam paixões, sentidos, capacidades intelectuais, habilidades manuais, habilidades manipulativas, sentimentos, ideias, ideologias, suas crenças, gostos e pendores, enfim, em sua intensidade e “por inteiro”.

Desse modo, o trabalho com os/as alunos/as e cursistas constituía em caminhar do real abstrato – do cotidiano dado –, para o real concreto (ou concreto pensado); do campo da abstração intelectual/reflexiva, para o campo correlacionado de forças operantes da realidade; por meio da construção de mediações possíveis para compreender e transformar a realidade social e intra-humana, caminhando no sentido de desvendar as contradições da vida social e da ontologia do ser social, entre o particular/universal e o singular/genericamente humano, ou seja, da aparência para a essência, no intuito de desvelar as vias de resistência ultrageneralizadas que impedem a transformação dos nexos de articulação do fenômeno estudado para o concreto pensado.

Para isso, pressupunha para o interlocutor uma concepção e apreensão filosófica que contribuísse para um nível de autonomia coletiva e individual/social e historicamente construída, ou seja, de princípios de reconhecimento, de atividade, de sistematização e de totalidade do ser social; logo, de mediação, segundo Martinelli (1993, p. 136-141), metodologia da qual nos apropriamos.

Ao partirmos dos elementos simples e contraditórios do cotidiano, trazidos para o universo teórico-filosófico-conceitual, e vice-versa, conseguíamos elevar os sujeitos sociais em formação para a capacidade intelectual acima da imediatividade alienada e alienante, desvelando um campo de mediações conscientes ética e politicamente duradouras.

Pressupunha, desse modo, conhecer os escritos de Agnes Heller em sua totalidade, como também o contexto histórico-social em que eles foram construídos. Ao conhecer o universo intelectual vivido e produzido por Heller, percebemos que vida e obra se constituíam numa única unidade. Num

primeiro momento, percebemos que sua contribuição estava relacionada às suas análises da vida cotidiana; portanto, de uma determinada práxis social.

Diante das determinações alienantes da vida regida pela lógica do capital e da luta de classes, onde os indivíduos sociais produzem e reproduzem formas alienadas e alienantes, tornava-se necessário buscar momentos de reflexão ou de suspensão da realidade social alienada e contraditória. Implicaria construir uma determinada postura ética e política na e para a vida social dos sujeitos sociais em formação.

O indivíduo é um ser social, historicamente constituído, que carrega em si múltiplas determinações. Agente de sua própria história enquanto concreto/material, tem na base toda a sua historiografia social que se traduz em sua simples existência. Sua inserção no meio social consiste em consignar padrões predeterminados e constituídos antes do seu nascimento, em outras palavras, antes mesmo de seu nascimento, valores, regras, normas e princípios já se encontram estabelecidos, com a sua percepção e experiência da vida cotidiana, possibilitando repensá-los e, por sua vez, superá-los.

A lógica capitalista tem levado os indivíduos sociais a estarem cada vez mais alienados e alienantes, ou seja, homens e mulheres são conseqüente e diariamente transformados em *coisa* (reificado), no sentido de desdobrar e reproduzir relações sociais de exploração, propiciando à vida social entrelaçada por uma autoviolência que possibilita a desumanização social produzida pelo próprio ser social.

Desse modo, entendemos o ser social, em seu processo de construção e autoconstrução, dinâmico e dialético e que possui uma dupla dimensão: ontológica, a ser concebida como tendo uma natureza comum e inerente a todos e a cada um dos seres (portanto, genérica), e reflexiva (ou teleológica), que é elaborada pela mente humana (BARROCO, 2005). Em outras palavras, é o único ser que formula e constrói mediações concretas para suas objetivações na vida cotidiana. Assim, entendemos a dimensão ética do sujeito social enquanto modo de ser na e para a vida social e a sua dimensão política como modo de agir na e para a vida social.

Portanto, como trazer os indivíduos sociais para a realidade não alienada, ou seja, como poderíamos contribuir para uma postura consciente ética e politicamente na e para a vida social diante da alienação da vida social? Como elevar os indivíduos sociais à condição de suspensão da realidade (momento consciente e reflexivo), em outras palavras, a não cotidianidade?

É sabido por um grande número de docentes que nos dias atuais, tendo em vista a real condição da mercantilização da educação, o tempo e a realidade social dos/as discentes, impedem, na maioria dos casos, uma formação de qualidade, principalmente por encontrar um universo social totalmente desigual, contraditório e nem sempre apto a possibilitar a elevação da cotidianidade para o mundo da abstração. Era preciso algo mais dinâmico e que atendesse aos objetivos propostos.

Porém, isso não implicaria abandonar os referenciais primários e de base – a teoria social de Marx –, e sim buscar um caminho que propiciasse o interesse em descobrir o universo marxiano e marxista, completamente estranho da grande maioria dos/as alunos/as. Nesse sentido, a teoria helleriana contribuía para este fim ao oferecer uma *filosofia da práxis social*.

## Conhecendo Agnes Heller

Agnes Heller nasceu em Budapeste, Hungria, no dia 12 de maio de 1929. De descendência judia, viveu sua infância e adolescência num mundo atingido pela Primeira Guerra Mundial, pela crise de 1929, pela Segunda Guerra Mundial, assistiu à construção da Ex-URSS e do mundo comunista, dividindo espaço com os horrores do nazismo alemão, a URSS stalinista e um sentimento nacionalista, contra a opressão e a violência dos regimes totalitários.

Até 1920 a Hungria pertencia ao Império Austro-Húngaro e, ao fim da Primeira Guerra Mundial, foi transformada num país satélite subjugado pelas forças alemãs e soviéticas. Heller encontrará nesse universo os elementos para a construção de sua filosofia.

Nome de projeção internacional na filosofia contemporânea, foi aluna e assistente de Georg Lukács, principal expoente marxista no estudo da *estética* e da *ontologia do ser social*. Entre os anos de 1957 a 1971, Lukács formou um círculo de estudos, composto por jovens intelectuais, do qual se destacaram Agnes Heller, Ferenc Fehér, György Márkus e Mihály Vajda. Este círculo tinha por objetivo formular uma linha de pensamento baseada nos escritos teórico-filosóficos de Lukács, fazer uma releitura da obra marxiana, principalmente a de sua juventude, buscando sobretudo a construção de uma ontologia do ser social e de uma “ética marxista”.

Autora de vários livros, estudou filosofia na Universidade Eötvös Loránd, em Budapeste, considerada pelo próprio Lukács como o “membro mais produtivo” e que, até 1978, produziu obras que expressavam o tipo de orientação daquele grupo. Entre 1956 a 1978, Heller comungava com as ideias de seu mestre e da teoria marxiana. Em 1978, Heller e seu marido Ferenc Fehér, por sofrerem perseguições políticas na Hungria, foram residir na Austrália. Desde então, Heller percorreu caminhos que cada vez mais a afastaram de suas origens.

Em 1986 foi, juntamente com seu marido, para Nova Iorque para assumir a cadeira de Filosofia e Ciência Política, vinculada ao pensamento de Hannah Arendt, na New School for Social Research. Hoje divide espaço entre os Estados Unidos e a Hungria, e outras localidades do mundo, proferindo conferências e cursos sobre a sua teoria.

Suas obras escritas até 1978, ou seja, em sua fase marxista, trazem importantes contribuições para a consolidação de consciência ética e política do ser social, tendo como base a ontologia do ser social, sua teoria sobre a vida cotidiana e as necessidades em Marx e seus escritos sobre a ética, moral e política na visão marxista.

Portanto, ao analisar suas obras desse período, buscamos compreender os principais fundamentos da ética marxista, na vertente helleriana, tomando por base as relações e inter-relações sociais estabelecidas pelo ser social na vida em sociedade e as preposições para uma tomada de consciência ética e política do ser social.

No meio acadêmico, a grande contribuição do pensamento helleriano estava vinculada a sua *teoria do cotidiano*; porém, numa análise mais aprofundada, ou seja, em sua totalidade, nos mostrou que vida e obra se entrelaçam e complementam-se por inteiro.

Percebemos que, muito mais que contribuir para analisar as relações e inter-relações sociais dos sujeitos sociais e individuais na e para a vida cotidiana, o pensamento helleriano buscava desvelar uma condição ontológica específica do ser social – a sua condição de individualidade –, não em relação a sua condição individualista egocentrista no sentido liberal, mas sim em sua *condição ontológica de individualidade/singularidade*, ou seja, do *ser-em-si-mesmo* e do *ser-para-si-mesmo*<sup>3</sup> e, como tal, passa da condição de particular e genérico para a de singular e/ou de *indivíduo social*, ou seja, para sua condição de singularidade. Nessa “antropologia” ontológica do indivíduo social, pudemos detectar que homens e mulheres, pessoas comuns, podem ou não assumirem uma atitude consciente ética e politicamente na e para vida social.

No universo formativo do ser social, é possível despertar à consciência *em-si-mesma*, com possibilidades para uma consciência *para-si-mesma*, ou seja, propícia a uma vida social não alienada e não alienante – uma vida reflexiva.

Percebemos em nossas análises que não é possível, na realidade social do mundo capitalista, vivermos fora da cotidianidade alienada e alienante, porém, é possível não nos tornarmos alienados e alienantes diante dos fatos mais corriqueiros, imediatos e mecanizados da cotidianidade.

A tomada de consciência permite ao indivíduo social suspender-se ou elevar-se da condição de alienação a que, muitas vezes, está condicionado/a. Em outras palavras, permite que as ações na e para a vida cotidiana apresentem-se impregnadas de valores ético-morais e ético-políticos de liberdade e de responsabilidade, portanto, de valores universais.

Os questionamentos iniciais de Heller e, conseqüentemente, sua busca por resposta, estão diretamente ligados aos episódios histórico-sociais do período de sua permanência na Hungria, ou seja, a tremenda onda de violência e de lutas sociais que embalaram a Europa da década de 1930 a 1970, bem como o leste europeu. Posteriormente, suas análises caminharam para elementos relativos à “questão social”, ou seja, as condições objetivas e subjetivas em que os sujeitos sociais estão inseridos e que acabam por provocar tamanhas atrocidades aos demais *entes viventes*.

Ao analisar o pensamento helleriano, é necessária a compreensão dos ambientes e dos principais interlocutores em que Heller tece suas considerações e posicionamento. Sua trajetória intelectual indelevelmente passa por referenciais teóricos bem distintos, tendo como suporte inicial o pensamento marxista, posteriormente pós-marxista, existencialista e pós-moderno, segundo Terezakis (2009).

Sem a demarcação e contextualização destas bases, o pensamento de Agnes Heller tem sido referendado, muitas vezes, carregado de preconceitos, deformações e analogismos denominativos; em grande medida, é erroneamente considerada como pluralista e eclética, pensamento este de que discordamos.

As questões ético-morais e ético-políticas envolvem questões relevantes à vida cotidiana e, portanto, prescrevem um campo de possibilidades e impossibilidades nas relações e inter-relações sociais. A ética e a política só existem porque somos seres da práxis e vivemos em sociedade.

Portanto, não há como ter consciência ético-moral e ético-política sem que haja condições objetivas e/ou subjetivas ou possibilidades objetivas, reais e concretas, ou até mesmo, a criação dessas mesmas possibilidades para a preservação dos componentes essencialmente humanos,<sup>4</sup> muito menos se não houver um posicionamento claro e consciente do indivíduo social para este fim. Partindo dessa premissa é que buscamos construir uma metodologia didático/pedagógica para o despertar dessa consciência ética e política nos/as alunos/as.

Acreditar que é possível mudar a realidade e que esse movimento depende inicialmente de uma atitude consciente, em nossa opinião, essa postura já é um posicionamento ético e político consciente; porém, partir para a ação é algo ainda maior, caso contrário, regozijar-se em achar que nada vale a pena e que é melhor ficar apenas reclamando de braços cruzados: tal é o estado absoluto da alienação.

## Aspectos metodológicos

Estudar o *corpus* teórico do pensamento helleriano, não é uma tarefa fácil, principalmente por não encontrarmos no âmbito do Serviço Social brasileiro nenhum estudo específico e em sua totalidade sobre esta filósofa húngara, considerada por alguns intelectuais como uma pensadora secundária.

A princípio, esta consideração nos incomodou, tendo em vista que, no ambiente da sala de aula, as experiências cotidianas se mostraram acolhedoras para este referencial. Tal constatação nos levou a buscar um conhecimento mais aprofundado sobre o pensamento helleriano e entender qual seria de fato sua contribuição.

É necessário esclarecer inicialmente que o conceito de ética de que nos apropriamos diz respeito à “tomada de consciência” do ser social “do momento que se humaniza a si mesmo e humaniza a humanidade” (HELLER, 2004, p. 121), bem com o conceito de política que, em seu sentido *lato* refere-se a

toda atividade humana “dirigida à transformação, à modificação ou à reforma da sociedade” (HELLER, 1983, p. 4).

Partindo da hipótese levantada, ou seja, de que há uma contribuição teórico-conceitual do pensamento helleriano para o campo do estudo da ética e da política na e para a vida cotidiana, nos apontava para realizar um estudo monográfico/dissertativo que abordasse o conjunto de sua obra em sua totalidade.

Numa primeira pesquisa, buscamos verificar sua utilização no campo das dissertações, teses, artigos, livros, enfim, onde e como Heller estava sendo utilizada. Pouca coisa em português foi encontrada, mas o pouco que encontramos tem como base, principalmente, a sua teoria do cotidiano. Também notamos que Heller era muito estudada tanto na Europa como nos Estados Unidos, porém de uma forma pluralista, principalmente no campo dos estudos referentes à pós-modernidade.

Partimos para uma segunda pesquisa, tendo em mente que o pensamento helleriano constituía-se em duas fases distintas: uma marxista e uma neokantiana. Fazer uma análise para demonstrar essa hipótese nos parecia inviável no momento. Portanto, demarcamos um espaço/tempo que contemplasse sua fase marxista, ou seja, sua produção entre os anos de 1950 até o final dos anos de 1970.

Ao verificar a extensão e complexidade do campo de análise teórico-filosófica desta pensadora, ao longo dos seus oitenta e três anos, percebemos que havia uma distinção em suas fases assaz interessante apontadas por Ángel Prior, em seu livro *Axiologia de la modernidad: ensayos sobre Agnes Heller*, publicado em 2002 pela Universidade de Valência, Espanha.

Nesse livro, Prior destaca três momentos de seu pensamento e que circunscreviam aspectos distintos da vida cotidiana de Heller: a primeira fase compreende o seu nascimento e a sua permanência na Hungria (1929-1977), a outra contempla sua estada na Austrália (1978-1986) e a última quando passou a viver nos Estados Unidos a partir de 1986 até os dias atuais.

Esta divisão cronológica apontava sempre para a temática central: a busca de uma *filosofia da vida*, ou seja, “viver a vida de outra maneira” (MUÑOZ apud PRIOR, 2002, p. 11). Acerca disso, Muñoz salienta que o debate trazido por Prior afirma-se nessa perspectiva e está diretamente relacionado com o tempo e a própria evolução do pensamento de Agnes Heller, apontando para o contexto em que ela estava e está situada, ou seja, o contexto histórico, e que, portanto, na atualidade, não poderia deixar de se preocupar com uma “filosofia moral e política ocidental” (idem, *ibidem*).

Muñoz ainda pontua que, em sua permanência na Hungria, Heller estava envolta nas temáticas de sua época e pelas discussões que permeavam o campo da intelectualidade ao redor de Georg Lukács, ou seja, na busca de um “renascimento do marxismo” e na “possível transformação socialista da cotidianidade herdada” (idem, *ibidem*).

Portanto, demarcamos o espaço/tempo, nessa primeira fase de Heller: os anos de 1956 a 1978, compreendendo ainda os anos de sua juventude e o seu amadurecimento intelectual, bem como os acontecimentos mais significativos de sua vida: o encontro de Heller com seu mestre Lukács, a “Escola de Budapeste” e a Hungria até o final dos anos de 1970.

Ao passo que fomos tomando contato com sua obra, surgiu a necessidade de conhecer profundamente esta filósofa e o contexto sócio-histórico em que fora inserida. Depois de reconstruir rigorosamente vida e obra, percebemos que alguns pontos delineavam basicamente seu modo de pensar: o indivíduo social, a vida cotidiana, a democracia e a liberdade, tendo em vista o contexto histórico vivido: a Hungria esfacelada pelas guerras mundiais, a opressão nazi-fascista de Hitler e o totalitarismo fascista de Stalin, que confrontavam com a ânsia de liberdade de um povo sofrido.

Até o final dos anos de 1970, tanto a Hungria como o restante do mundo passaram por grandes efervescências: duas guerras mundiais, crises econômicas, políticas, culturais e sociais, a ascensão do comunismo no leste europeu, a opressão dos regimes totalitários, o desenvolvimentismo avassalador do capitalismo, a Guerra Fria, dentre outros acontecimentos marcantes. Portanto, o contexto histórico em

que Heller vivia, somados a uma ânsia por uma “redenção” e autoafirmação enquanto sobrevivente do holocausto, foram elementos constitutivos que influenciaram a sua tomada de posição, ou seja, a construção/despertar de sua própria *individualidade* inserida num determinado cotidiano.

Pensar o cotidiano como um universo tão contraditório constituído por um campo infindável e encantador a ser desvelado e extrair do próprio cotidiano vivido elementos para a construção de um arcabouço teórico-conceitual, fundamentado numa proposta ética e política, é condição *sine qua non* para a práxis social. Não foi mero acaso que Heller empreendeu esse desbravamento. Na busca pelo conhecimento, mergulhou por inteiro no universo reflexivo da filosofia; da arte, da ética e da política, posicionando-se ética e politicamente num cotidiano tão conturbado. Muito mais do que uma simples escolha, era também um dever-de-vir-a-ser.

Para uma vida verdadeiramente revolucionária, consciente, ética e politicamente, há de se fazer uma verdadeira “revolução do modo de vida” (HELLER, 1978, p. 169), enquanto “ser da práxis” (BARROCO, 2008). Heller aponta em seu estudo *Teoría, praxis y necesidades humanas*,<sup>5</sup> que práxis no sentido *lato* é “todo tipo de atividade social e, em última instância, a atividade humana em geral” (HELLER, 1978, p. 164), ou seja, implica toda atividade humano-social que se objetiva teórico/práxis na vida cotidiana, que implique uma atividade, ou ação dinâmica e de mudança, portanto, uma ação político-revolucionária.<sup>6</sup>

A vida de Heller é um verdadeiro posicionamento teórico/práxis na e para a vida social. Esta práxis político-revolucionária implica, necessariamente, a transformação da hierarquia das necessidades. Contudo, para que uma teoria se converta em uma práxis revolucionária, deve se propor a observar determinado movimento social e suas situações concretas. A práxis contém em si os meios adequados para cada situação/objetivação concreta em sua totalidade (HELLER, 1978).

Estas constatações nos impulsionaram a vivenciar os pressupostos helleriano em sala de aula, partindo sempre do cotidiano, desvelar a *insustentável leveza do ser social*, numa verdadeira paráfrase à obra de Milan Kundera (2007), em busca da consciência ética e política do ser social em sua individualidade, particularidade e genericidade.

## Considerações finais

Ao tomarmos contato com a obra, a vida, o contexto histórico e social e as experiências vividas por Agnes Heller, percebemos que muito mais do que expor uma filigrana teórico-filosófico, Heller se apresentou na vida cotidiana como uma *individualidade*, consciente e responsável pelas suas ações, num cotidiano diverso, plural e contraditório em sua totalidade. Percebemos que vida e obra ocupavam o mesmo espaço.

Diante dos seus escritos, formulamos uma proposta didático-pedagógica e, ao mesmo tempo, ético-político-pedagógica em sala de aula. Dada a dimensão e erudição de seus escritos, fixamo-nos em suas análises sobre o cotidiano e o ser social, partindo das contradições inerentes aos fenômenos e às mudanças dialéticas, que ocorrem na natureza e na sociedade contemporânea.

Fundamentamos nossos estudos numa concepção dinâmica desta mesma realidade, procurando compreender os fatos contraditórios da vida social em sua raiz, tendo como objetivo despertar a consciência ética e política nos/as alunos/as durante o nosso exercício profissional.

A vida de Heller, assim como a de qualquer pessoa, não estava livre das implicações e determinações cotidianas, principalmente para aquelas pessoas que dividem o mesmo contexto histórico-social. A vida, tanto objetiva como subjetiva, desenvolveu-se repleta de acontecimentos constituintes e constitutivos, necessários e de livre escolha, mas, nem sempre é possível chegar aos resultados previamente determinados. É preciso um movimento que impulsionem para os fins inicialmente propostos.

Não podemos esquecer que em cada momento e contextos sociais há particularidades próprias de cada época, cada estrutura, cada estratificação, cada sistema político-econômico-cultural, enfim, realidades sociais que se apresentam de determinadas formas, contextos, tessituras, como também cada pessoa reage de uma maneira particular a essas determinações. Contudo, além dessas características, cada indivíduo social reage de determinada maneira diante dos estímulos, necessidades e interesses individuais e coletivos.

Heller trata o ser social como *particular* que carrega em si sua condição de singularidade e de humano-genérico, capaz de assumir uma atitude consciente na e para a vida.

Ao nascermos, desenvolvemos nossas capacidades de comportamento simbólico, ou seja, a linguagem, o pensamento racional, a orientação segundo os valores, “nosso *a priori* se assim o quiser. [...] Somente *a posteriori* podem se manifestar em total extensão” (HELLER, 1982, p. 142), em capacidades/potencialidades.

Não somos somente guiados pelos instintos, mas sim produzimos teleologicamente mediações e objetivações na e para a vida social: “[...] são estas objetivações sociais que devemos-nos apropriar se queremos viver, as que ocupam o lugar de guia atribuindo aos instintos. O que há em nós de estritamente biológico é nossa *fronteira*. A fronteira absoluta é a moralidade” (HELLER, 1982, p. 142-143).

Para Heller, homens e mulheres, nascem e são inseridos numa dada cotidianidade, e o seu amadurecimento, em qualquer esfera e em qualquer sociedade, se dá em sua fase adulta: “[...] é adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade” (HELLER, 2004, p. 18).

Todo o percurso realizado em torno da tematização helleriana acerca do complexo mundo de sua antropologia-ontológica do ser social nos permite afirmar que a postura por ela assumida e defendida em seu *corpus* teórico impulsiona na direção da tomada de consciência ética e política na e para a vida social.

Herdeira crítica de um vasto cabedal cultural e intelectual, bebeu nas fontes teórico-filosóficas de Aristóteles, Kant, Hegel e Marx para compreender a dinâmica da vida cotidiana e na complexa ontologia do ser social marxiana trazida a lume por Georg Lukács, propiciando o debate com seus contemporâneos e com o grupo de amigos que se firmaram em torno de Lukács e denominado por “Escola de Budapeste”.

Heller é um verdadeiro produto do seu tempo. Uma mulher, uma presença, uma experiência. Uma mulher que chegou à condição de *sujeito de sua própria história* e que suscita interrogações, dúvidas e especulações. Uma presença que não ficou calada nem estática diante dos mais diversos momentos e situações, até mesmo atrocidades e fatalidades próprias de sua época.

## Referências

- BARROCO, Maria L. S. *Ética: fundamentos sócio-históricos*. São Paulo: Cortez, 2008. (Biblioteca Básica do Serviço Social, v. 4).
- CRESS/SP. *Legislação brasileira para o Serviço Social: coletânea de Leis, decretos e regulamentos para instrumentação do/a assistente social*. 3. ed. São Paulo: CRESS/SP, 2008.
- CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- IAMAMOTO, Marilda Villela. *O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Agnes Heller entrevistada por Francisco Ortega*. Trad. Bethânia Assy. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. (Coleção: Pensamento Contemporâneo, n. 2).
- \_\_\_\_\_. *La revolución de la vida cotidiana*. Trad. Gustau Muñoz, Enric Pérez Nadal e Iván Tapia. Barcelona: Península, 1982.
- \_\_\_\_\_. *A filosofia radical*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Teoría de las necesidades en Marx*. Trad. J. F. Yvars. Barcelona: Península, 1978.
- \_\_\_\_\_. *O homem do Renascimento*. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Lisboa: Presença, 1978a.
- \_\_\_\_\_. *Sociología de la vida cotidiana*. Trad. J. F. Yvars e E. Pérez Nadal. Barcelona: Península, 1977.

LUKÁCS, Georg. Prefácio (junho de 1971). In: HELLER, Agnes. *Sociología de la vida cotidiana*. Trad. J. F. Yvars e E. Pérez Nadal. Barcelona: Península, 1977.

\_\_\_\_\_. *Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais em Marx*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. 9. ed. Trad. Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MÁRKUS, György. *Marxismo y "Antropología"*. Texto alemão de A. Vertes-Meller e F. Brody. Trad. para o castelhano Manuel Sacristán. Barcelona: Grijalbo, 1974.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Notas sobre mediações: alguns elementos para sistematização da reflexão sobre o tema. *Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, Cortez, ano 14, n. 43, p. 136-141, dez. 1993.

MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858*, esboço da crítica da economia política. Trad. Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

\_\_\_\_\_. *O 18 Brumário e cartas a Kugelmann*. Trad. Leandro Konder e Renato Guimarães. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MARX, Karl; ENGELS, F. *A ideologia alemã: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Fererbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. Org., trad., prefácio e notas de Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

\_\_\_\_\_. Uma face contemporânea da barbárie. Texto da comunicação de José Paulo Netto na seção temática: O agravamento da crise estrutural do capitalismo. O socialismo como alternativa à barbárie. In: ENCONTRO INTERNACIONAL "CIVILIZAÇÃO OU BARBÁRIE", 3., Sepre, 30-31 out./01 nov. 2010. Disponível em: [www.pcb.org.br/portal/docs/umafacecontemporaneadabarbarie.pdf](http://www.pcb.org.br/portal/docs/umafacecontemporaneadabarbarie.pdf).

TEREZAKIS, Katie. *Engaging Agnes Heller: a critical companion*. Lanham; Boulder; New York; Toronto; Plymouth: Lexington Books, 2009.

TERTULIAM, Nicolas. O grande projeto da ética. Revista *Ad Hominem*, São Paulo, Ad Hominem, n. 1, t. 1, p. 125-138, 1999.

VERONEZE, Renato Tadeu. *As reflexões estéticas na perspectiva lukacsiana: uma expressão ontológica da realidade social*. Pesquisa realizada pelo Programa de Iniciação Científica do Centro Universitário da Fundação Educacional Guaxupé – UNIFEG. Guaxupé: UNIFEG, 2006.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento filosófico em Marx: a ontologia do ser social*. Monografia apresentada ao curso de pós-graduação *lato sensu* da Pontifícia Universidade Católica – PUC/Minas, campus de Poços de Caldas – MG, como pré-requisito para a obtenção do título de especialista em Desafios da Filosofia Contemporânea, sob orientadores do Prof. Dr. Gérson Pereira Filho e da Profª. Ms. Cláudia Ferreira Galvão. Poços de Caldas: PUC/MG, 2011.

---

<sup>1</sup> Segundo Chauí (1999), sujeito é o indivíduo consciente de sua atividade sensível e intelectual, dotado do poder de análise, síntese e representação, portanto, é o *ser social* em sua *individualidade*, que se reconhece diferente dos objetos que o rodeiam, "cria e descobre significações, ideias, juízos e teorias", ou seja, o mundo a sua volta. "É dotado da capacidade de conhecer-se a si mesmo no ato do conhecimento, ou seja, é capaz de reflexão. É saber de si e saber o mundo, manifestando-se como sujeito percebedor, imaginante, memorioso, falante e pensante" (CHAUI, 1999, p. 118). Porém, essas capacidades ou potencialidades só se objetivam no meio social. Assim, o *sujeito* se apresenta enquanto síntese de múltiplas determinações sociais, portanto, ele só é *sujeito* porque é um *ser social* (ou sujeito social).

<sup>2</sup> Estes pressupostos estão contidos na teoria social de Marx e as contribuições do pensador húngaro, seu mestre, Georg Lukács, como também nos demais pensadores da filosofia, antropologia, psicologia e sociologia de sua época. O que ora refletimos é sobre a sua importância pedagógica e o que suas contribuições podem contribuir para uma *filosofia da práxis revolucionária*.

<sup>3</sup> Estas categorias lukacsianas/hellerianas são estudadas por Lukács em suas análises sobre *A estética* (LUKACS, 1967). Lukács construiu um arcabouço teórico-filosófico-conceitual, onde estudou o ser social, *em-si, para-nós e para-si*. A categoria *para-nós* assumirá no desenvolvimento helleriano a condição de *comunidade*.

<sup>4</sup> "Essência humana" é entendida aqui na concepção de Marx, como os componentes existenciais substantivos para a vida do ser social, ou seja, o trabalho (a objetivação), a sociabilidade, a universalidade, a consciência e a liberdade, possibilidades imanentes à humanidade do gênero humano (HELLER, 2004, p. 4).

<sup>5</sup> Este estudo se encontra como *Apêndice* da obra *Teoria de las necesidades em Marx* (HELLER, 1978, p. 161-182).

<sup>6</sup> Opção condicionada direta e historicamente a um posicionamento e de ação no sentido de alterar a realidade dada: "[...] o que é a revolução sem a transformação profunda da vida dos homens?" (HELLER, 1982, p. 121).